

FUTEBOL E AS TORCIDAS ORGANIZADAS: A LIBERDADE DO INDIVÍDUO MODERNO

Rafael de Moraes Baldrighi⁶⁶

Resumo: Após o período medieval, a história ocidental passa pelo Iluminismo. Neste período de caráter mais liberal e racionalista, no pensamento de Kant, o homem sai da sua minoridade, da orientação de outrem. Assim, com a iluminação pela ciência e os adventos do pensamento racional, o homem encontra-se livre. Para Marx liberdade trataria sobre como desvincular-se de autoridades e compulsões, além de entendida como o pleno desenvolvimento das habilidades e capacidades individuais – razão e ciência. Entretanto, Fromm salienta que a liberdade trazida para o indivíduo pela modernidade pode ser percebida negativamente, levando o homem a buscar mecanismos de fuga. Esses mecanismos, para Freud, apresentam-se como a ideia de nação, uma religião ou uma ideologia, nos quais o indivíduo foge de sua solidão e insignificância esmagadoras. O presente ensaio analisará o futebol como um mecanismo de fuga, no qual o indivíduo escolhe um time, o apoia, idolatra e sente-se confortável e parte de algo maior, dentro da coletividade que as torcidas representam para o indivíduo isolado. Este fenômeno, porém, pode ser percebido como radicalizado nos confrontos violentos entre torcidas organizadas, humilhação do adversário e culto à força física, o que, no Brasil, é uma realidade.

Palavras-Chave: Futebol; Torcidas Organizadas; Modernidade; Liberdade; Indivíduo.

Abstract: After the medieval period, Western history passes through the Enlightenment. In this period of more liberal and rationalistic character, in the thoughts of Immanuel Kant, the man comes out of his minority, freeing himself from the guidance of others. Thus, with enlightenment by science and the advent of rational thought, man finds himself free. For Marx, freedom would deal with how to detach oneself from authorities and compulsions, in addition to being understood as the full development of individual abilities and capacities - reason and science. However, Fromm stresses that the freedom brought to the individual by modernity can be perceived negatively, leading man to seek escape mechanisms. These mechanisms, for Freud, appear as the idea of a nation, a religion or an ideology, in which the

66

individual escapes from his overwhelming solitude and insignificance. The present essay will analyze soccer as an escape mechanism, in which the individual chooses a team, supports it, idolizes it and feels comfortable and part of something bigger, within the collective that the soccer fans represent for the isolated individual. This phenomenon, however, can be perceived as radicalized in the violent confrontations between organized soccer supporters, the humiliation of the adversary and worship of physical force, which, in Brazil is a reality.

Keywords: Soccer; Organized Supporter; Modernity; Freedom; Individual.

Futebol e torcidas organizadas: a Liberdade do indivíduo moderno

Este ensaio busca analisar a posição do indivíduo na modernidade e os mecanismos de fuga de uma liberdade negativa (FROMM, 1980) a qual este está submetido. O fenômeno aqui abordado será o futebol e como este se apresenta para o indivíduo como um mecanismo de escape do sofrimento e dos sentimentos de solidão e impotência do homem moderno. A relação do indivíduo com o futebol será apresentada como semelhante ao vínculo com uma nação (o clube), um povo (os torcedores), uma religião – uma ilusão, no sentido freudiano (FREUD, 1997); mostrando como torcedores encaram este esporte e a torcida para o seu time como uma medida paliativa; ou, de acordo com Fromm (1980), como mecanismos de fuga (*secondary bonds*). Os sentimentos coletivo e de identificação estão muito presentes aqui.

Em seguida, como forma de expressão mais radical de amor ao time, a violência e o uso da força, a idolatria, o sentimento de unidade, identificação e pertencimento, a repulsa ao (time e torcedores) diferente e o orgulho “nacional” de torcer para determinado time serão elementos presentes no mundo do futebol e, principalmente, nas torcidas organizadas. Estas características se assemelham às ideias de nação e nacionalismo modernos (HOBSBAWM, 2013), racismo, unidade cultural, culto à força/violência e xenofobia presentes em regimes fascistas (ELIAS, 1997).

Dois conceitos básicos para essa reflexão são: modernidade e liberdade. A modernidade será compreendida como o período da história que vem após o período medieval, passando pelo Iluminismo. “Iluminismo é a saída do homem da sua menoridade de que ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de se servir do entendimento sem a orientação de outrem” (KANT, 1774, p. 516). O filósofo alemão destaca a menoridade como

culpa do próprio indivíduo, que carece de entendimento e de decisão. Sair desta seria a libertação da religião, com o indivíduo sendo iluminado pelas ciências e pelo pensamento racional de *pensar por si mesmo*. O conceito de liberdade do homem na modernidade será abordado aqui especialmente através das ideias de Fromm e Marx.

Freud inicia o seu trabalho em *Mal Estar na Civilização* (1997) afirmando que não é fácil lidar cientificamente com sentimentos. Em seguida, trata do amor. Aqui estará apresentado o “amor” que um torcedor tem para o seu time (e o sentimento oposto que dirige aos seus rivais). Neste sentimento, de acordo com o autor, “a fronteira entre ego e objeto ameaça desaparecer” (FREUD, 1997, p. 2). É neste momento que as demarcações entre o individual e o mundo externo se tornam incertas e permeáveis. O autor destaca, então, a importância da religião para tornar suportável a existência, já que esta é árdua demais e repleta de sofrimentos. Esta daria um propósito à vida. “A religião consegue poupar a muitas pessoas uma neurose individual” (FREUD, 1997, p. 14). Na modernidade, porém, o elemento religioso perde certa importância quando comparado aos tempos medievais do ocidente. Assim, novas satisfações substitutivas, que diminuam o sofrimento surgem, como as instituições e conceitos de nação, o que o autor qualifica como ilusões – e “a satisfação é obtida através de ilusões” (FREUD, 1997, p. 12). É neste sentido que pretende-se analisar a relação do indivíduo moderno com o futebol, uma forma de ilusão para amenizar o peso da existência. No caso, o “amor” de um torcedor pelo seu time seria como uma religião. Segundo Hannah Arendt, “os homens são seres condicionados: tudo aquilo com o qual eles entram em contato torna-se imediatamente uma condição de sua existência” (ARENDR, 2007, p. 17). Sendo assim, o homem buscaria nos prazeres, de coisas com as quais se identifica, uma atenuação do seu sofrimento, já que “nossas possibilidades de felicidade sempre são restringidas por nossa própria constituição” (FREUD, 1997, p. 9). Estes prazeres podem ser encontrados na comunhão sob a mesma bandeira de um time, nas vitórias deste, nos títulos conquistados e até nas derrotas dos rivais.

Um dos principais elementos atenuantes do sentimento de solidão, impotência e sofrimento no futebol é o sentimento de pertencimento e identidade a uma coletividade maior e que englobe vários indivíduos sob uma mesma bandeira. Freud concede:

Especial importância ao caso em que a tentativa de obter uma certeza de felicidade e uma proteção contra o sofrimento através de um remodelamento delirante da realidade, é efetuada em comum por um considerável número de pessoas. As

religiões da humanidade devem ser classificadas entre os delírios de massa desse tipo. É desnecessário dizer que todo aquele que partilha um delírio jamais o reconhece como tal (FREUD, 1997, p. 12).

Assim, a inclusão dentro de uma torcida garante satisfação ao indivíduo. Algo semelhante ao sentimento identificatório presente em *Nações e Nacionalismos desde 1780* de Hobsbawm (1990). Como colocado ainda por Freud, o pertencimento a um grupo retira o sentimento de potência do indivíduo e permite a sua reafirmação em relação aos outros. A vida dos homens “em comum só se torna possível quando se reúne uma maioria mais forte do que qualquer indivíduo isolado e que permanece unida contra todos os indivíduos isolados” (FREUD, 1997, p. 21). A necessidade que os seres humanos possuem de formar grupos vem desde nossos ancestrais primatas. Todos indivíduos procuram seus grupos, visto que somos animais tribais. Esses grupos, no pensamento de Wilson (2012), podem ser fundados na religião, na família, na ideologia, na etnia e até em clubes esportivos.

Segundo Hobsbawm (2013), os últimos dois séculos não podem ser compreendidos sem entender o termo *nação*. O autor destaca a participação popular crescente a partir da Revolução Francesa nos processos políticos. A ideia de nação não poderia ser compreendida sem o sentimento romântico nacional e o seu povo. O autor destaca o sentimento de pertencimento, de identificação, do indivíduo com sua terra natal e a ideia de povo presente nas nações europeias do fim do século XVIII e até a metade do XIX. A partir de 1870, segundo o autor, o conceito de nação adquire maior relação com etnia, língua, história e raça – ou seja, cultura. Estes conceitos, conseqüentemente, fortaleceriam os laços entre os semelhantes e criariam sentimentos de repulsa em relação ao diferente. Assim, as relações entre o racismo, a xenofobia e o nacionalismo se tornam óbvias. O autor completa:

Além disso, há uma evidente analogia entre a insistência dos racistas na pureza racial e nos horrores da miscigenação, e também a insistência de tantas formas de nacionalismo linguístico - a maioria, talvez - sobre a necessidade de purificar a língua nacional de elementos estrangeiros ... o que trouxe a "raça" e a "nação" mais perto ainda foi a prática de usá-las como sinônimos possíveis, generalizando, de modo igualmente inexato, o caráter "racial/nacional" (HOBSBAWN, 2013, p. 150-151).

Em relação ao futebol, podemos encontrar esses mesmos. O clube possui seus torcedores (seu povo), suas raízes históricas (como exemplos nacionais: o Club de Regatas Vasco da Gama e a Portuguesa de Desportos relacionados aos imigrantes portugueses, a Sociedade Esportiva Palmeiras e os italianos); suas localidades (bairros, estádios, cidades –

isso pode ser refletido em nomes de clubes como Esporte Clube Bahia, o Fluminense Football Club e o Santos Futebol Clube); cores; hinos (como as nações, cidades e estados possuem); mascotes e bandeiras. Assim como já apontado, o sentimento romântico, o “amor” ao time, os seus ídolos, mascotes, cores e história podem ser comparados ao sentimento nacionalista/patriota. O sentimento coletivo de identificação e pertencimento, também.

As diferentes “línguas”, “raças” e origens dos times e seus torcedores também geram sentimentos de repulsa em relação a outros clubes (em especial os rivais) e seus torcedores. O racismo e a xenofobia, presentes no sentimento nacional de Hobsbawm a partir de 1870, são comparáveis ao sentimento dirigido a outros clubes que não o do torcedor: seus adversários. Para Wilson (2012) – *A Conquista Social da Terra* –, a formação grupos, criando conforto e orgulho dentro de uma comunidade, defendendo-a contra seus rivais, é uma característica intrínseca da natureza humana. E as dinâmicas entre o próprio grupo e outros grupos externos seguem os seres humanos ao longo de toda sua história. A forma extrema que este comportamento pode ser encontrado no futebol é no confronto violento entre torcidas organizadas de diferentes times, que se enfrentam – com o uso da força – e atacam aqueles que levantam uma bandeira diferente. De acordo com Alabarces, Zucal e Moreira (2008), a relação estabelecida entre torcidas rivais denota distanciamento e oposição social. Estas se percebem como grupos separados e distintos, chegando a ser até *hostis uns* com os outros, levando à busca da supressão e submissão dos adversários através da violência.

O Brasil, de acordo com Murad (2013), é um dos países com maior número de mortes violentas causadas por conflitos entre torcedores de futebol, sendo em 2012 o campeão mundial em vítimas. O autor cita que a violência crescente entre os torcedores é o fator principal de afastamento do público dos estádios (e fora deles) de futebol nacionais, o que tem levado a médias de público que não refletem a importância do futebol para o Brasil. Isso mostra o caso do país que sofre da violência como um todo, sendo esta reproduzida dentro e fora dos estádios pelas torcidas.

Alabarces, Zucal e Moreira (2008), destacam que as ações violentas, em especial as que ocorrem no âmbito do futebol, são tidas como um sinal de irracionalidade, selvageria e barbárie. Os autores analisam o comportamento violento de torcidas organizadas, em especial as argentinas, e o objeto *aguante*. Este funcionaria como um sistema de honra e prestígio para os torcedores, estando ligado diretamente ao enfrentamento físico. Assim, os possuidores do

aguante demonstrariam bravura e coragem no confronto corporal contra torcedores de outros clubes. No espanhol, o verbo *aguantar*, significa, de acordo com os autores, suportar, ajudar, ser solidário. Tudo isso utilizando o corpo: cantando, resistindo às intempéries e lutando, sendo a violência física o sentido dominante do *aguante* para as *barras*. E, de acordo com os autores, para as *barras*, o *aguante* seria seu bem mais importante em relação à identidade, sendo possível obtê-lo apenas através da ação violenta.

Elias (1997) aborda, no capítulo IV – O Colapso da Civilização – de *Os Alemães*, a noção do sentimento histórico das nações, em especial a alemã. As desavenças anteriores a 1871 e os gloriosos *Reichs*, com a concepção do *nós-ideal* do povo alemão, são analisados pelo autor como parte importante da construção do orgulho nacional e da autoestima coletiva do povo alemão no século passado.

Na década de trinta, os alemães eram levados a lutar em nome da Alemanha, em busca do *nós-ideal*. Aqui, o dever de servir à nação é destacado como amplo entre os cidadãos. O heroísmo e o nacionalismo ganham destaque, então, nos combates e entre a população alemã. São sentimentos e paixões que podiam ser mobilizadas politicamente em nome das lutas do povo alemão. Aqui podemos traçar um paralelo com as torcidas. De acordo com Alabarces, Zucal e Moreira (2008), os cantos nos estádios, por vezes, carregam metáforas de guerra, luta e de conquista e humilhação do adversário.

Para Reich, “os discursos nos comícios nacional-socialistas distinguiam-se pela habilidade em manejar as emoções dos indivíduos nas massas e de evitar ao máximo uma argumentação objetiva” (REICH, 1988, p. 48). O uso da força, o culto à força física e ao exército são consequências deste pensamento, para preparar a nação para o combate. O pensamento nacionalista alemão estava relacionado com a violência, com a guerra e via o confronto como um meio eficaz para resolver conflitos. Portanto, existiria uma grande hostilidade dos alemães com os diferentes grupos que não eram alemães, o que Elias caracteriza como um egoísmo coletivo dentro do idealismo nacional coletivo alemão. Tal relação entre diferentes povos pode encontrar um paralelo no tratamento radical entre torcidas rivais. Para Alabarces, Zucal e Moreira (2008), os combates entre torcidas adversárias funcionam como apreciação e avaliação dos torcedores em relação à sua coletividade. Assim obtém-se o prestígio do reconhecido, do superior, e a humilhação do excluído, do derrotado. Podemos ainda acrescentar a isso o pensamento de Elias:

O credo nazista representou os alemães como um povo com uma missão ímpar no mundo, como o “povo eleito”. De acordo com a mais democrática divisão de poder que tinha sido realizada a partir de 1918, foi permitido a todos os alemães, não só aos nobres, aos ricos e aos educados, sentirem que pertenciam à elite da humanidade – pelo menos, se tivessem a cabeça e a forma de corpo corretas ou os ancestrais certos, isto é, se pertencessem à raça certa. (ELIAS, 1997, p. 331)

Em relação ao futebol e aos torcedores, o valor do sentimento histórico, a idealização das origens e do passado dos clubes, ao menos no Brasil, é muito importante. As glórias do passado de um time e o culto aos ídolos assemelham-se à exacerbação da idealização das histórias nacionais, assim como ao heroísmo presente na população alemã, conforme explicitado por Elias (1997). Esta construção, no caso dos clubes de futebol, pode ser remetida aos grandes jogadores que passaram pelos clubes, idolatrados por suas torcidas de maneira até idealizada. A visão de um torcedor em relação a seu clube também se assemelha ao *nós-ideal* de Elias, o que tende a gerar uma visão idealizada por parte do torcedor sobre sua equipe, seus dirigentes, a própria torcida, etc. como sendo todos superiores em relação aos rivais. De acordo com Wilson (2012), os torcedores de determinado clube julgam seus adversários como menos amistosos, trapaceiros, não confiáveis e incompetentes. Ou seja, inferiores.

O orgulho nacional e a autoestima coletiva também se relacionam com o futebol e os seus torcedores. Existe, como já dito, uma identidade coletiva entre os torcedores de determinado clube, que são orgulhosos deste e o consideram, como afirmado no parágrafo anterior, superior aos outros clubes. O culto à força física e a supremacia da violência nos conflitos podem ser encontrados, similarmente, nas torcidas organizadas violentas. Os mascotes sempre são representados de maneira assustadora e musculosa, o confronto entre as torcidas é realizado por diferentes “bandeiras” – raças, culturas –, ou seja, entre torcedores de diferentes clubes, em especial os rivais mais próximos, como já afirmado. Mortes e feridos são uma constante no confronto entre torcidas organizadas no Brasil. O uso da força está bastante presente na mentalidade dos torcedores mais radicais. Este conceito relaciona-se diretamente com a hostilidade em relação ao exterior, ao diferente, com a outra raça, com torcedores de outros clubes. Uma espécie de *xenofobia*. Abaixo, alguns exemplos:

Imagem 1 – Ícone da torcida organizada *Independente* do São Paulo Futebol Clube:



Fonte: Sou São Paulo FC (2013)⁶⁷

Imagem 2 – Ícone da torcida organizada *Máfia Azul*, do Cruzeiro Esporte Clube:



Fonte: Paixão Cruzeirense (2016)⁶⁸

Nas imagens acima, são representadas torcidas organizadas de São Paulo Futebol Clube (SP) e Cruzeiro Esporte Clube (MG). Podemos encontrar mascotes que representam um culto à força física (e o uso desta) e ao combate. As pessoas ao redor do mundo, hoje, estão cada vez mais cautelosas com a guerra, com medo de suas consequências. Assim, elas se voltaram cada vez mais para o seu equivalente moral: os esportes de equipe. (WILSON, 2012).

A dinâmica estabelecida entre os indivíduos e as torcidas organizadas pode ser compreendida como parte da estratégia de fuga à liberdade presente nas sociedades modernas. Como abordado por Fromm, a modernidade traz liberdade para o indivíduo, entretanto, esta pode ser percebida negativamente, levando o homem a buscar mecanismos de fuga da

67 Gráfico disponível em: http://www.sousaopaulofc.com.br/fotos_de_mascote_do_sao_paulo_fc-igfa-0-48494-1.htm. Acesso em 24/08/2017.

68 Imagem disponível em: http://www.paixaocruzeirense.com.br/fotos_de_mafia_azul_do_cruzeiro-igfa-0-51288-13.htm. Acesso em 24/08/2017

liberdade. E o que seria a liberdade da qual se foge? Para Marx, a alienação seria a ausência de liberdade e, liberdade trataria sobre como desvincular-se de autoridades e compulsões, além de entendida como o pleno desenvolvimento das habilidades e capacidades individuais – razão e ciência (HELLER, 1984).

As consequências diretas da liberdade moderna, segundo Fromm, são os sentimentos de solidão (pelo isolamento) e a impotência do indivíduo. Assim, este busca impulsos para desistir da sua individualidade para superar tais sentimentos. Portanto, meios sociais, políticos e econômicos aparecem para preencher as lacunas deixadas pela solidão e a impotência. Caso estes laços não apareçam, segundo o autor, a liberdade se transforma em um fardo, o que vem ocorrendo desde a emergência do indivíduo, após a Idade Média.

Em sua obra, *Medo à Liberdade*, Fromm (1980) destaca que, para resistir aos sentimentos de insegurança e isolamento do indivíduo, este, adota mecanismos de fuga. Um dos mais relevantes para esta análise é aquele em que o indivíduo desiste da independência individual para se fundir a algo ou alguém, exterior a ele, para que o indivíduo obtenha a força e a segurança (dentro de um grupo) que sente falta. Busca novos laços (*secondary bonds*) para substituir os que foram perdidos. O indivíduo estaria livre no sentido negativo da palavra, sozinho confrontando um mundo alienado. Este indivíduo, assustado com sua liberdade e o meio em que vive, busca algo para se ligar. Ele não consegue aguentar a insegurança, a insignificância e a impotência dele mesmo, buscando a segurança, a identidade e o poder através do outro, eliminando o fardo que ele representa para si mesmo.

Assim, o indivíduo vai buscar laços no que Freud chamaria de ilusões: uma pessoa, uma instituição, uma religião, Deus, sua nação, uma consciência ou uma compulsão psíquica. Até em um esporte, como o futebol. Nesses laços, segundo Fromm (1980), o indivíduo se sentirá mais seguro e orgulhoso, dividindo o poder que cabe a essas instituições. Ele adquire uma identidade mais segura.

No futebol e nas torcidas, esta identidade coletiva pode ser encontrada. Paralelos entre os clubes e nações, os torcedores e o povo, as torcidas organizadas e a guerra, rivalidades, racismo e xenofobia, aqui, já foram traçados. A relação entre um clube de futebol e seu torcedor fica agora mais evidente. Ele se sente incluído, se sente mais forte, seguro e identificado do que antes. Suas ações em um coletivo o eximem de culpa de atos que, na

liberdade individual, pesariam somente sobre ele (como matar um torcedor rival). O orgulho de torcer para determinado time, que aparece como idealizado e superior a outros times, se torna algo gratificante para o indivíduo, que também se sente superior. Sua voz pode ser ouvida no canto de diversos torcedores quando o hino do seu time é tocado, semelhante ao que acontece com o hino nacional de um país. Ele vê o seu clube na televisão, compra produtos oficiais que o identifiquem ao clube. A servidão desse com o clube se torna obrigação, e leva até ao confronto físico e violento entre os torcedores organizados de diferentes times.

É óbvio que dentro das ilusões, no vocabulário de Freud, como a nação, Deus e a religião, o futebol exerce uma influência menor sobre os indivíduos e não move as massas como as instituições aqui citadas moveram histórica e atualmente. Porém, as semelhanças entre o comportamento de torcedores mais radicais e violentos assemelham-se ao comportamento das massas em regimes fascistas, assim como a idolatria e idealização do clube para qual o indivíduo torce. Ódio ao (clube) diferente; culto à força física e à violência; sentimento identificatório, de pertencimento e coletivo; racismo e xenofobia (*clubismo*, *bairrismo*); crença e idealização das instituições das quais o indivíduo faz parte e orgulho nacional e autoestima coletiva são algumas características semelhantes entre o fascismo e o fenômeno de torcer para algum time (vale salientar que nem todos torcedores pertencem a organizadas ou participam de confrontos violentos com outros torcedores, obviamente).

No Brasil, esta análise ganha ainda mais força. Até o momento atual, 2017, a seleção brasileira é a maior campeã de futebol de Copas do Mundo, com cinco títulos mundiais, ainda possui conquistas em Copa América, Copa das Confederações e, mais recentemente (2016), nos Jogos Olímpicos. Nem tudo são flores, porém, uma vez que os confrontos violentos entre torcidas rivais são frequentes, resultando em mortes e ferimentos. Assim, jogos *clássicos*, pontualmente, possuem torcida única do mandante (para evitar o encontro de torcidas rivais). O futebol é um esporte amplamente difundido em território nacional, com diversos torcedores, clubes e praticantes amadores que buscam laços em identidades futebolísticas coletivas, acompanham e dão enorme importância para seus clubes. De acordo com Murad (2013), historicamente, o futebol é o esporte favorito de mais de 70% dos brasileiros. “O estudo do futebol é uma via de alcance e acesso às nossas raízes, enquanto coletividade, enquanto historicidade” (MURAD, 2013, p. 142). O autor qualifica tal esporte como sendo

pertencente às multidões, ao povo, às *coletividades*, sendo o futebol um fixador e consolidador de nossa identidade coletiva. Como diz o ditado popular: “O futebol é a coisa mais importante dentre as menos importantes”. Resta saber se as ditas coisas *mais importantes* realmente importam ou são apenas ilusões – medidas paliativas, como diria Freud; ou mecanismos de escape, como diria Fromm.

Referências Bibliográficas

ALABACER, P.; ZUCAL, J. G.; MOREIRA, M. V. “El ‘Aguante’ y las Hinchadas Argentinas: Una Relación Violenta”. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 14, n. 30, 2008, p. 113-136. Disponível em [<http://www.scielo.br/pdf/ha/v14n30/a05v1430.pdf>]: acessado em [05/10/2017].

ARENDT, H. *A condição humana*. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. Disponível em [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1130009/mod_resource/content/1/A%20condi%C3%A7%C3%A3o%20humana-%20Hannah%20Arendt.pdf]: acessado em [05/10/2017].

ELIAS, N. *O Processo Civilizador: Formação do Estado e Civilização*. Rui Jungman. Vol.2, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

ELIAS, N. *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FROMM, E. *O medo à liberdade*. Octávio Alves Velho. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

HELLER, A. *Crítica de la Ilustración*. Gustau Nunoz; Jose Inacio Lopez Soria. Barcelona: Península, 1984.

HOBBSAWM, E. *Nações e nacionalismo desde 1780*. M. C. Paoli; A. M. Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

KANT, I. *Resposta à pergunta: ‘O que é Iluminismo’*. Artur Mourão. 1774.

MURAD, M. “Práticas de violência e mortes de torcedores no futebol brasileiro”. *Revista USP*, São Paulo, vol.1, n. 99, 2013, p. 139-152. Disponível em: [<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/76312>]: acessado em [05/10/2017].

REICH, W. “Peer Gynt”. In: REICH, W (Org.) *A função do orgasmo*. Maria da Glória Novak. Ed. 9. São Paulo: Brasiliense, 1975, p. 25-30.

REICH, W. *Psicologia de massas do fascismo*. Maria da Graça M. Macedo. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

WILSON, E. O. *A Conquista social da Terra*. Ivo Koritovski. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.